

# **Jean de Lery e Roger Williams e a compreensão do nativo americano em “Viagem à terra do Brasil” e “A Key into the Language of America”**

## **Jean de Lery and Roger Williams and the native American understanding in “Journey to the Land of Brazil” and “A Key into the Language of America”**

*Adriel Moreira Barbosa*<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho ocupa-se de duas literaturas do período colonial: *Viaagem à Terra do Brasil*, escrito em 1578, por Jean de Léry, e *A Key Into the Language of América*, escrito por Roger Williams, em 1643. A escolha dos personagens e seus textos deve-se ao fato de que ambos representam o pensamento europeu e protestante em diferentes contextos e momentos da colonização americana. O objetivo é comparar a forma como ambos elaboram seu discurso sobre mundo do índio, a partir de algumas referências destacadas de suas obras. Busca-se compreender como estes textos revelam a constituição de um lugar hermenêutico caracterizado pela fronteira entre dois mundos, nascido da estranheza frente ao mundo do outro e o reconhecimento de sua legitimidade e de seus direitos, e do efeito em seu próprio mundo cristão e civilizado, criticado em comparação ao dito selvagem.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Colonização; Roger Williams; Barbolomeu de las Casas; Michel de Certeau

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências da Religião (UMESP), bolsista da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

**ABSTRACT**

This paper analyses two literatures of the colonial period: “Viagem à Terra do Brasil”, written in 1578 by Jean de Léry, and “A Key into the Language of America” written by Roger Williams in 1643. The choice of the characters and its texts is due to the fact that both represent the European and Protestant thought in different contexts and moments of the American colonization. The objective is to compare the way in which both elaborate their discourse on Indian world, from some outstanding references of their works. It seeks to understand how these texts reveal the constitution of a hermeneutic place characterized by the border between two worlds, born of the strangeness of the world of the other and the recognition of their legitimacy and their rights, and the effect in their own Christian and civilized world, Criticized in comparison to the said wild.

**KEYWORDS**

Colonization; Roger Williams; Bartolomeu de las Casas; Michel de Certeau

**Introdução**

Este trabalho ocupa-se de duas literaturas do período colonial. São os textos *Viagem à Terra do Brasil*<sup>2</sup>, escrito em 1578, por Jean de Léry, e *A Key Into the Language of América*<sup>3</sup>, de 1643, escrito por Roger Williams. Léry, que era membro da Igreja Reformada de Genebra, depois do período vivido no Brasil, retornou a Europa e tornou-se pastor. Ele enfrentou a fúria católica contra os protestantes franceses, desencadeada em 24 de Agosto de 1572, na chamada “Noite de São Bartolomeu”. Junto com outros protestantes, ele resistiu a um cerco de tropas católicas contra a cidade de Sancerre. No século XVI, a França iniciava sua incursão pela América, principalmente no Hemisfério Norte, com o estabelecimento das colônias denominadas Nova França, em 1534. E a partir de 1554,

---

<sup>2</sup> Título original, em francês: *Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil, dite Amérique*.

<sup>3</sup> Os trechos usados neste trabalho são de tradução livre, realizadas pelo autor.

o cavaleiro da Ordem de Malta e vice-almirante da Bretanha, Nicolas Durand de Villegagnon, iniciou uma atividade colonizadora que ficou conhecida como França Antártica, no território brasileiro. Em 1556, Jean de Léry decidiu acompanhar um grupo de ministros e artesãos protestantes até lá, permanecendo em terras brasileiras por quase um ano. Dezoito anos depois, as anotações desta aventura foram redigidas no livro *Viaagem à Terra do Brasil*.

Roger Williams nasceu em 1603, em um subúrbio de Londres chamado Smithfield, pertencendo a uma família de artesãos dedicados à fabricação e à venda de diversos artigos, principalmente, adornos e arreios para carruagens. Ele cresceu em meio à burguesia inglesa e após terminar seus estudos em Cambridge, tornou-se pastor, passando a compor o crescente número de adeptos do partido puritano. Ele seguiu o caminho trilhado por muitos puritanos durante o século XVII, partindo para a América no final de 1630. Ele chegou a Boston, Massachusetts, em 5 de fevereiro de 1631, e uma das marcas que deixou na comunidade novo-inglesa foi de ser um persistentemente crítico do sistema colonial, do tratamento dado pelos colonos aos nativos e da relação entre Igreja e Estado que se configurava na colônia. Mas, ao contrário de Léry, Williams não retornou a Europa, permanecendo na América até o fim de sua vida, em 1883.

A escolha destes personagens e seus textos deve-se ao fato de ambos representarem o pensamento europeu e protestante em diferentes contextos da colonização americana. Léry, situa seu relato no litoral brasileiro do século XVI, entre os índios Tupinambás, e Williams, na costa noroeste da América do Norte, denominada Nova Inglaterra, entre os índios Narragansetts, durante o século XVII. A proposta é comparar a forma como ambos elaboram seu discurso sobre mundo do índio, a partir de algumas referências destacadas de suas obras, dado não ser possível uma comparação exaustiva no espaço deste trabalho.

Uma vez que ambos constituem seus textos como um relato sobre o outro, cuja alteridade foi construída em comparação com a identidade europeia, pergunto pela maneira como eles pensaram esses “estranhos” a partir da relação entre o *mesmo* e o *outro*, neste teatro de encontros humanos, de suas instituições e dos conflitos que experimentaram. Busca-se, portanto, compreender como estes textos revelam a constituição de um lugar hermenêutico caracterizado pela fronteira entre dois mundo,

nascido da estranheza frente ao mundo do outro e o reconhecimento de sua legitimidade e de seus direitos, e do efeito em seu próprio mundo cristão e civilizado, criticado em comparação ao dito selvagem. É o que Michel de Certeau chama de *hermenêutica do outro* (2002).

## 1. Características gerais e propósito das obras

*Viagem à Terra do Brasil* é uma narrativa de viagem, destinada a relatar informações detalhadas desde sua saída da Europa até seu retorno. No título de suas primeiras edições registra-se:

Narrativa de uma viagem feita à terra do Brasil, também dita América, contendo a navegação e coisas notáveis vistas no mar pelo autor: a conduta de Villegagnon naquele país, os estranhos costumes e modos de vida dos selvagens americanos; com um colóquio em sua língua e mais a descrição de muitos animais, plantas e demais coisas singulares e absolutamente desconhecidas aqui, cujo sumário se verá dos capítulos no princípio do livro. Tudo colhido no próprio lugar por Jean de Léry, natural de La Margelle, Saint-Seine, ducado de Bourgne. La Rochelle, Antoine Chuppin, 1578<sup>4</sup>.

Considerada uma das grandes obras da literatura de viajantes do século XVI, além de relatar as experiências descritas acima, o texto também é uma reação à obra *As Singularidades da França Antártica*, publicada em 1558, por seu compatriota André Thévet, frade franciscano francês, explorador, cosmógrafo e escritor, que também viajou ao Brasil e escreveu. Embora Léry faça críticas aos católicos e a Thévet, este propósito secundário ocupa pouco espaço, se comparado ao conteúdo etnográfico<sup>5</sup>.

Tomando como base a explicação de Michel de Certeau<sup>6</sup>, Léry constrói sua narrativa realizando uma tripla divisão do texto. Num primeiro

---

<sup>4</sup> LERY, Jean. *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Ed. Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980, p. 27.

<sup>5</sup> MILLET, 1980, p. 15-16.

<sup>6</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 221-222.

momento, ele relata a viagem para a terra longínqua, separada da Europa pelo grande oceano. Depois, ele descreve e analisa a sociedade tupi, desvendando progressivamente seu modelo social, além de dar referências sobre a natureza (fauna, flora, relevo, alimentos), e sobre a índole dos nativos. Ele também descreveu as cerimônias religiosas dos tupinambás, as práticas mágicas e o fenômeno antropofágico, além de estabelecer um colóquio em língua tupi, seguido de observações gramaticais da língua. Por fim, o relato o reconduz a Genebra, narrando a rota de retorno e as extremas dificuldades que enfrentaram.

O texto de Roger Williams não é um relato de viagem, mas poderia ter sido, caso seu banimento da colônia de Massachusetts, em 1636, tivesse resultado em sua deportação para a Inglaterra, como era o plano dos líderes da colônia. Mas Williams foi avisado com antecedência e fugiu para a floresta, sendo recebido entre os nativos para viver com eles por cerca de um ano. De lá, saiu para fundar a colônia de Providence Plantation, sobre terras que ele recebeu dos nativos. Em uma emotiva carta escrita alguns anos antes de sua morte, Williams fala de sua relação com os líderes nativos (principalmente com Canonicus), classificando-a como uma providência de Deus, após os líderes novo-ingleses o haverem rejeitado<sup>7</sup>. Foi depois desse processo que Williams começou a publicar seus livros, dos quais o primeiro foi *A Key Into the Language of América* (1963c).

Esta obra foi escrita com o objetivo de ser uma ajuda para os novo-ingleses entenderem a língua Algonquin<sup>8</sup>, como ele afirma no subtítulo de sua obra: “Uma ajuda para a língua dos nativos nesta parte da América chamada Nova Inglaterra”<sup>9</sup>. Ela está dividida em trinta e dois capítulos, sendo que cada um deles trata de um aspecto diferente da cultura de Narragansett. Também poderíamos dividi-los em três grupos. Dos que tratam da natureza dos nativos, suas características e hábitos; da sua organização social; e os que abordam a natureza da América – sobre tempo, estações, do céu e estrelas, ventos, aves, árvores, animais terrestres e marinhos etc.

<sup>7</sup> WILLIAMS, Roger. The Letters of Roger Williams. In: *The Complete Writings Of Roger Williams* (Vol. 6). New York, EUA: Russell & Russell, Inc., 1963b, p. 407.

<sup>8</sup> O termo refere-se à uma língua da família das línguas algonquinas, faladas por povos que cobriam todo o Noroeste dos EUA. O trabalho de Williams é considerado o primeiro trabalho lexicográfico de seu período, na região da Nova Inglaterra.

<sup>9</sup> *Or an help to the language of the natives in that part of América called New England.*

É possível dizer que *A Key Into the Language of América e Viagem à Terra do Brasil* seguem um roteiro análogo, buscando explicar aos leitores muitos aspectos do mundo que eles encontraram. O quadro abaixo apresenta o conteúdo dos capítulos e nos ajuda a perceber estes três temas principais que aparecem em ambos: A descrição da natureza, das características dos habitantes e da organização social.

### Viagem à terra do Brasil

### A Key Into de Language of America

I – Do motivo que nos levou a empreender esta longínqua viagem à terra do Brasil na ocasião em que a fizemos.	CAP. I. Da Saudação
II – Do embarque no porto de Honfleur, na Normandia, das tormentas, encontros, abordagens de navios, primeiras terras e ilhas que descobrimos.	CAP. II. De Comer e Entretenimento. CAP. III. Sobre o sono e hospedagem. CAP. IIII. Dos seus Nomes.
III – Dos bonitos, albacores, dourados, golfinhos, peixes-voadores e outros de várias espécies que vimos e apanhamos na zona tórrida.	CAP. V. De suas relações de consanguinidade e afinidade, ou, Sangue e Casamento.
IV – Do equador ou linha equinocial e também das tempestades, inconstância dos ventos, calor, sede e outros incômodos que tivemos e passamos nessas alturas.	CAP. VI. Da Família e dos negócios da Casa. CAP. VII. De suas Pessoas e partes de corpo. CAP. VIII. Discurso e Notícias.
V – Do descobrimento e primeira vista que tivemos da Índia Ocidental ou terra do Brasil, bem como de seus habitantes selvagens e do mais que nos aconteceu até o trópico de Capricórnio.	CAP. IX. Da hora do dia. CAP. X. Da estação do Ano. CAP. XI. De Viagem.
VI – Do desembarque no forte Coligny; da acolhida de Villegagnon de seu comportamento em relação à religião e ao governo do país.	CAP. XII. Em relação aos Céus e às Luzes Celestiais, CAP. XIII. Do Tempo. CAP. XIV. Dos ventos. CAP. XV. De aves.
VII – Descrição do rio Guanabarana, também denominado de Janeiro; da ilha de Coligny e do fortim nela edificado, bem como das ilhas vizinhas.	CAP. XVI. Da terra, e seus frutos, etc. CAP. XVII. De bestas, etc. CAP. XVIII. Do mar.
VIII – índole, força, estatura, nudez, disposição e ornatos dos homens e mulheres brasileiros, habitantes da América, entre os quais permaneci quase um ano.	CAP. XIX. De Peixes e Pesca. CAP. XX. Da sua nudez e roupa. CAP. XXI. Da Religião, da alma, etc. CAP. XXII. De seu governo e justiça. CAP. XXIII. Do Casamento.
IX – Das grossas raízes e do milho com que os selvagens fabricam a farinha, comida em lugar do pão; da bebida a que chamam cauím.	CAP. XXIV. Sobre sua Moeda. CAP. XXV. De compra e venda. CAP. XXVI. De Dívidas e Confiança. CAP. XXVII. De sua caça, etc. CAP. XXVIII. De seu jogo, etc.

<p>X – Dos animais, veação, lagartos, serpentes e outros animais monstruosos da América.</p> <p>XI – Da variedade de aves da América, todas diferentes das nossas; dos bandos de grandes morcegos, das abelhas, moscas varejeiras e outros vermes singulares desse país.</p> <p>XII – Dos peixes mais comuns e do modo de pescá-los.</p> <p>XIII – Das árvores, ervas, raízes e frutos deliciosos que a terra do Brasil produz .</p> <p>XIV – Da guerra, combate e bravura dos selvagens.</p> <p>XV – De como os americanos tratam os prisioneiros de guerra e das cerimônias observadas ao matá-los e devorá-los.</p> <p>XVI – Religião dos selvagens da América; erros em que são mantidos por certos trapaceiros chamados Caraíbas; ignorância de Deus.</p> <p>XVII – Do casamento, poligamia e grau de parentesco entre os selvagens bem como o modo de tratar os filhos.</p> <p>XVIII – O que podemos chamar leis e policiamento entre os selvagens; modo por que tratam os visitantes amigos; prantos e discursos festivos das mulheres por ocasião das boas-vindas.</p> <p>XIX – De como tratam os selvagens os seus doentes, dos funerais e sepulturas e do modo de chorar os seus defuntos.</p> <p>XX – A nossa partida da terra do Brasil, os naufrágios e perigos de que escapamos no regresso.</p> <p>XXI – Fome extrema; tormentas e outros perigos de que Deus nos salvou durante o regresso.</p> <p>XXII – Colóquio de entrada ou chegada ao Brasil, entre a gente do país chamada Tupinambá e Tupiniquim, em linguagem brasileira e francesa.</p>	<p>CAP. XXIX. Da sua guerra, etc.</p> <p>CAP. XXX. De suas pinturas.</p> <p>CAP. XXXI. Da doença.</p> <p>CAP. XXXII. De Morte e Enterro, etc.</p>
---	---

Por terem formas diferentes de construção (o primeiro é uma narrativa e o segundo uma gramática), o texto de Léry apresenta os temas de

forma mais detalhada e explicativa; já Williams apresenta seus temas a partir da tradução de termos ligados a ele, seguidos de breves “observações gerais” e algumas “mais particulares”. Nelas, ele realiza comparações entre a realidade europeia e a francesa, assim como faz Léry.

## 2. Narrativas sobre os nativos e a “hermenêutica do outro”

Em sua análise sobre os sistemas de sentido em *A escrita da história* (2002, p. 209 et seq.), Michel de Certeau dedica-se ao texto de Jean de Léry *Viagem à Terra do Brasil*, a fim de demonstrar como o resultado desta aventura, o relato de sua viagem, reflete uma “peregrinação às avessas”, um itinerário de idas e vindas, que revela o impacto causado pela experiência de encontro com o mundo do outro:

Bem longe de encontrar o corpo referencial de uma ortodoxia (a cidade santa, o túmulo, a basílica), o itinerário parte do centro para as margens, na busca de um espaço onde encontrar um solo; pretende construir aí a linguagem de uma convicção nova (reformada). Ao final desta pesquisa existe, produto deste ir e vir, a invenção do Selvagem<sup>10</sup>.

Segundo Certeau, em um primeiro momento, a operação literária de Léry é marcada por uma visão binária entre o mundo do selvagem e o mundo civilizado que destaca a verdade “do lado de cá” e o erro “do lado de lá”. Separados pelo imenso oceano, estão Europa e América – o civilizado e o selvagem, o conhecido e o que necessita ser conhecido. Este itinerário, feito de idas e voltas, é o movimento que caracteriza o trabalho e que lhe permite retornar, finalmente, ao lugar de sua partida: Genebra<sup>11</sup>. Por isso, a estranheza daquilo que se encontra na América ganha sentido na dissemelhança relativa ao que é conhecido, da Europa:

E, em verdade, depois de minha viagem à América, a qual, pelo que aí se vê (costumes dos habitantes, formas dos animais e produtos

---

<sup>10</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 214.

<sup>11</sup> CERTEAU, 2002, p. 215.

da terra em geral, tão diferentes dos da Europa) pode ser chamada Novo Mundo, devo confessar que, embora não aceitando como verdadeiras as fábulas encontradas em vários autores, reconsiderarei minha opinião antiga acerca do que escreveram Plínio e outros mais sobre os países exóticos, pois vi coisas tão prodigiosas quanto tantas outras tidas por impossíveis, de que fazem menção<sup>12</sup>.

Conforme explica Certeau, este movimento de retorno é que garante o sentido das coisas, assim como mostra que “o *outro* retorna ao *mesmo*”<sup>13</sup>. Este foi o processo característico do “descobrimento” da América, que, na lição de Enrique Dussel, foi de “encobrimento” do nativo americano como outro, desde que Colombo partiu das Ilhas Canárias e chegou ao outro lado do Atlântico, em 1492. Segundo Dussel, o “mundo” descrito pelo navegador italiano em seu diário de bordo é “uma hermenêutica” daquilo que ele via. Logo, “as ilhas, as plantas, os animais, os ‘índios’ (da ‘Índia’, asiáticos portanto) eram todos uma ‘constatação’ de algo conhecido de antemão, uma espécie de experiência estética, embora ainda não explorada: A Ásia”<sup>14</sup>.

Esta “Quarta Parte” da Terra, a “quarta península asiática”, não é entendida (ou, descoberta) como algo distinto da realidade conhecida, mas é a projeção do “si mesmo” europeu, sua “imagem e semelhança”. Em consequência, a descoberta da América, “não é o ‘aparecimento do Outro’, mas a ‘projeção do si-mesmo’: encobrimento”<sup>15</sup>. Finalmente:

Os habitantes das novas terras descobertas não aparecem como Outros, mas como o Si-mesmo a ser conquistado, colonizado, modernizado, civilizado, como “matéria” do *ego* moderno. E foi assim que os europeus (particularmente os ingleses) se transformaram, como dizia antes, nos “missionários da civilização em todo o mundo”, especialmente com “os povos bárbaros”<sup>16</sup>.

<sup>12</sup> LERY, 1980, p. 50.

<sup>13</sup> CERTEAU, 2002, p. 220.

<sup>14</sup> DUSSEL, Enrique. *1492: O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Conferências de Frankfurt. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993, p. 29.

<sup>15</sup> DUSSEL, 1993, p. 35.

<sup>16</sup> DUSSEL, 1993, 36, cursivas do autor.

Como destaca Dussel em sua tese, a modernidade europeia projeta-se sobre o restante do mundo, tornando as culturas e povos em objetos de sua missão civilizatória. E a hermenêutica subjacente à ação colonizadora acompanha os personagens que registram suas sagas de idas e vindas às terras distantes da América. Mas Michel de Certeau chama a atenção para algumas fissuras que podem ser captadas nas “escritas” desses aventureiros, como no caso de Léry (e de Williams). Certeau constata que:

O poder que seu expansionismo deixa intacto é, a princípio, colonizador. Ele se estende sem ser mudado. É tautológico, igualmente imunizado contra a alteridade que poderia transformá-lo e contra aquele que poderia lhe resistir. Está envolvido no jogo de uma dupla *reprodução*, uma histórica e ortodoxa que preserva o passado, e outra missionária que conquista o espaço multiplicando os mesmos signos<sup>17</sup>.

Mas, segundo Certeau, a bipolaridade inicial do texto de Léry é progressivamente substituída por um esquema circular, construído sobre uma tríplice referência: Genebra, como ponto de partida e de regresso; depois, a alteridade do Novo Mundo, que é dividida entre o exotismo da natureza estrangeira e a “humanidade exemplar (ainda que pecadora)”. Nessa nova configuração, o retorno a Genebra, isto é, a escrita, é marcada pelo impacto da alteridade para articular sua identidade. Primeiro, a compreensão implicava na diferenciação, como prelúdio de um segundo movimento: a formação de sentido impactada pelo lugar do outro. Ou seja, “o relato produz um retorno, de si parar si, pela mediação do outro”<sup>18</sup>.

Isto significa que à medida que os autores descrevem o “estanho”, o mundo do outro, eles realizam uma análise crítica da realidade que haviam deixado do outro lado do grande oceano. Seu modo de vida é confrontado pela alteridade nativa. Vejamos dois momentos desta prática: Depois de traduzir algumas palavras e pequenas frases que falam de acusação de roubo, de traição e de violência, Williams afirma:

Eu não pude encontrar excesso de pecados escandalosos entre eles, que transbordam na Europa. Eles geralmente não sabem o que

<sup>17</sup> CERTEAU, 2002, p. 217, cursivas do autor.

<sup>18</sup> CERTEAU, 2002, p. 215.

é embriaguez e gula, nem sabem que isso é pecado; e embora não tenham tanta coisa para contê-los (tanto no que diz respeito ao conhecimento de Deus e das Leis dos Homens) como o Inglês tem, ainda assim nunca se ouvirá sobre tais crimes entre eles, como roubos, homicídios, adultérios, como há entre os ingleses: eu concebo que o glorioso Sol de tanta verdade que brilha na Inglaterra, endurece nossos corações ingleses; e assim o sol não mais os derrete, mas os endurece<sup>19</sup>.

De forma similar, Léry, narra seu sentimento ao despedir-se do Brasil, antes da turbulenta e dramática viagem de retorno à Europa, afirmando que:

Embora amando como amo a minha pátria, vejo nela a pouca ou nenhuma devoção que ainda subsiste e as deslealdades que usam uns para com outros; tudo aí está italianizado e reduzido a dissimulações e palavras vãs, por isso lamento muitas vezes não ter ficado entre os selvagens nos quais como amplamente demonstrei, observei mais franqueza do que em muitos patrícios nossos com rótulos de cristãos<sup>20</sup>.

Estas “observações” quase que invariavelmente apresentam a civilização europeia de forma crítica e parecem apontar que, embora os ameríndios carecessem de civilização e cristianismo, na realidade, sua cultura poderia ter mais civilidade e espírito semelhante ao de Cristo do que a civilização europeia. Mediante esta referência, passemos a analisar comparativamente alguns pontos destas obras.

### 3. Sobre a natureza dos nativos

A caracterização do nativo americano era um ato imprescindível na busca de fazê-lo conhecido. Para Léry, sobretudo para os europeus, curiosos dessas longínquas terras que não chegariam a ver; para Williams, tanto para a Velha como para a Nova Inglaterra. Léry dedica-se

---

<sup>19</sup> WILLIAMS, Roger. A Key into the Language of America. In: *The Complete Writings of Roger Williams* (Vol. 1). New York, EUA: Russell & Russell, Inc., 1963c, p. 121.

<sup>20</sup> LÉRY, 1980, p. 251.

mais extensamente a descrever os “selvagens” no capítulo XVIII, afirmando, inicialmente, que:

Os selvagens do Brasil, habitantes da América, chamados Tupinambás, entre os quais residi durante quase um ano e com os quais tratei familiarmente, não são maiores nem mais gordos do que os europeus; são, porém mais fortes, mais robustos, mais entroncados, mais bem dispostos e menos sujeitos a moléstias, havendo entre eles muito poucos coxos, disformes, aleijados ou doentios<sup>21</sup>.

A descrição é comparativa, colocando-os frente ao europeu, com destaque para a ausência de enfermidades e deformações naturais, que, segundo Léry, seria resultante do bom clima e de não beberem eles “nessas fontes lodosas e pestilenciais que nos corroem os ossos, dessoram a medula, debilitam o corpo e consomem o espírito, essas fontes em suma que, nas cidades, nos envenenam e matam e que são a desconfiança e a avareza, os processos e intrigas, a inveja e a ambição<sup>22</sup>.

Por todo o capítulo pode-se encontrar a comparação, como referência necessária de sentido: “nossos tupinambás excetuam os cabelos (...) como uma coroa de frade, e na nuca à moda dos nossos antepassados<sup>23</sup>. “amarram penas encarnadas ou de outras cores, tiradas das asas de certas aves, em frontais muito semelhantes aos que costumam as senhoras usar em França, parecendo até que se tenham inspirado nesta invenção<sup>24</sup>. E conclui:

Se quiserdes agora figurar um índio, *bastará imaginardes um homem nu*, bem conformado e proporcionado de membros, inteiramente depilado, de cabelos tosquiados como já expliquei, com lábios e faces fendidos e enfeitados de ossos e pedras verdes, com orelhas perfuradas e igualmente adornadas, de corpo pintado, coxas e pernas riscadas de preto com o suco de jenipapo, e com colares de fragmentos de conchas pendurados ao pescoço. Colocai-lhe na mão seu arco e suas flechas e o vereis retratado em garboso ao vosso lado<sup>25</sup>.

---

<sup>21</sup> LERY, 1980, p. 111.

<sup>22</sup> LERY, 1980, p. 112.

<sup>23</sup> LERY, 1980, p. 112.

<sup>24</sup> LERY, 1980, p. 115.

<sup>25</sup> LERY, 1980, p. 117, cursivas minhas.

No capítulo VII de *A key*, Williams relata acerca de *Suas pessoas e partes de seus corpos*, seguindo seu método de traduzir alguns termos e depois comentá-los:

*UPpaqutup* – A cabeça.

*Nuppaquóntup* – Minha cabeça.

*Wesheck* – O cabelo.

*Wuchehepúnnock*. Um grande grupo de cabelo está preso atrás.

Observação: No entanto, alguns cortam o cabelo todo, tão baixo e tão curto quanto o Inglês sóbrio; No entanto, nunca vi ninguém esquecer a natureza em tão grande extensão e forma monstruosa, quanto a vergonha da Nação Inglesa, agora (com tristeza) vejo que meus compatriotas na Inglaterra estão degenerados<sup>26</sup>.

William parece relacionar o cabelo curto de alguns nativos ao de um “inglês sóbrio”, o que permite presumir que os cabelos longos de muitos nativos poderiam ser considerados característicos de sua incivilidade. Williams inverte a crítica e a lança sobre a Inglaterra, acusando seus compatriotas de perderem a sua.

Em seguida, ele apresenta a palavra *Wuttip*, que significa Cérebro. E observa:

No cérebro sua opinião é que a alma (da qual falaremos no Capítulo da Religião) mantém seu lugar e residência: Pois o temperamento do cérebro em rápidas apreensões e juízos precisos (para não dizer mais) *o mais alto e soberano Deus e Criador, não os fez inferiores aos europeus*<sup>27</sup>.

Williams descreve os nativos como possuidores das mesmas capacidades intelectuais dos europeus, não sendo em nada inferiores a eles, pela própria criação de Deus. No final do capítulo, Williams realiza uma observação geral sobre a índole dos nativos e afirma que “a Natureza não conhece diferença entre a Europa e os americanos<sup>28</sup>, seja no sangue, no nascimento, nos corpos, etc. Deus, de um só sangue fez toda a humanidade

<sup>26</sup> WILLIAMS, 1963c, p. 76.

<sup>27</sup> WILLIAMS, p. 77, cursivas minhas.

<sup>28</sup> Traduzido literalmente como no original: “between Europa and americans”.

(At 17) e todos por natureza são filhos da ira (Ef 2)”. E dirigindo-se aos ingleses, conclui “mais particularmente” que: “teu irmão índio é, por nascimento, tão bom quanto tu. De um mesmo sangue Deus fez a ele, a você e a todos. (...) Certifique-se de teu segundo nascimento, senão verás o Céu aberto aos índios selvagens, mas fechado para ti”<sup>29</sup>.

#### 4. Organização social

Léry e Williams relatam diversos aspectos da vida social e da organização dessas comunidades. Alguns pontos comuns entre ambos, como a guerra, o casamento, parentesco, famílias, casamento, tratamento dado aos visitantes, da alimentação, caça, pesca, entre outros, não serão comentados neste texto por razão de espaço. Dedico-me a descrever aspectos da ordem social, relacionadas à lei e à justiça. Léry inicia o capítulo XVIII, declarando ser:

Coisa quase incrível e de envergonhar os que consideram as leis divinas e humanas como simples meios de satisfazer sua índole corrupta, que os selvagens, guiados apenas pelo seu natural, vivam com tanta paz e sossego. É evidente que me refiro a cada nação de per si ou às que vivem como aliadas, pois aos inimigos já sabemos como tratam<sup>30</sup>.

Como este texto introdutório ao capítulo deixa transparecer, a organização da sociedade Tupinambá causava impacto em Léry, quando comparada à sua. Admira-lhe as constantes mudanças de território, nas quais os nativos não levavam muitos pertences, nem davam nomes distintos às novas moradias e aldeias. Ele observa que os nativos não precisavam “de palácios altaneiros”, nem de fixação de propriedade das terras. E nesse tocante, Léry afirma:

No que diz respeito à propriedade das terras e campos, cada chefe de família escolhe em verdade algumas jeiras onde lhe apraz, a fim de fazer suas roças e plantar mandioca e outras raízes, mas quanto a

---

<sup>29</sup> WILLIAMS, 1963c, p. 81.

<sup>30</sup> LERY, 1980, p. 229.

heranças e pleitos divisórios deixam aos herdeiros avarentos e demandistas cá da Europa tais cuidados<sup>31</sup>.

Dois outros aspectos chamam sua atenção: a hospitalidade e a caridade natural dos nativos. Ele destaca sua cordialidade para com os visitantes estrangeiros, relatando com detalhes a forma como foi tratado em sua primeira visita a uma aldeia. Obviamente, Léry diferencia esse tratamento dado aos visitantes ao destino dos inimigos que eram saboreados em suas cerimônias antropofágicas.

Léry também destaca a forma com que os nativos presenteavam-se continuamente “com veações, peixes, frutas e outros bens”, presando “por essa virtude que morreriam se vissem o vizinho sofrer falta do que possuem”. Novamente, ele ressalta tal comportamento admirável dirigido à ele e seus companheiros, em momentos de grande dificuldade, sendo “difícil contar tudo o que fizeram esses selvagens para nos servir; pode-se dizer, em sua, que fizeram então o que São Lucas, nos atos dos Apóstolos, diz terem os bárbaros da Ilha de Malta feito com São Paulo e seus companheiros escapos do naufrágio”<sup>32</sup>.

Mas sua descrição do modo de vida dos Tupinambá deixa escapar aspectos da ordem política, não realizando nenhum comentário, diferentemente de outros cronistas, como Hans Staden<sup>33</sup> e André Trevet<sup>34</sup>. Estes, em seus relatos acerca dos nativos brasileiros do século XVI, enfatizam a ausência de ordem política e social, com afirmações como “os selvagens não têm governo, nem direitos estabelecidos” e “selvagens sem fé, lei, religião e nem civilização alguma”<sup>35</sup>. A não existência de uma organização

<sup>31</sup> LERY, 1980, p. 230.

<sup>32</sup> LERY, 1980, p. 240.

<sup>33</sup> Hans Staden (1525 – 1576) foi um aventureiro mercenário alemão que esteve duas vezes no Brasil, onde participou de combates nas capitânicas de Pernambuco e de São Vicente contra navegadores franceses e seus aliados indígenas. Ele passou nove meses refém dos índios tupinambás e de volta à Alemanha, escreveu “História Verdadeira e Descrição de uma Terra de Selvagens”, que se tornou um grande sucesso da época.

<sup>34</sup> André Thévet (1502 – 1590) foi um frade franciscano francês, explorador, cosmógrafo e escritor que viajou ao Brasil no século XVI, tendo escrito obras sobre os índios Tupinambás, principalmente “As Singularidades da França Antártica”.

<sup>35</sup> STEIGLEDER, Carlos G. *Staden, Trevet e Léry: olhares europeus sobre o índio e sua religiosidade*. São Luiz/MA : EDUFMA, 2010, p. 76.

social e política semelhante à europeia implicava em incapacidade ou recusa de reconhecimento da organização social dos nativos, o que pode justificar a omissão de Lery.

Roger Williams, no capítulo que dedica ao “Governo e Justiça”, começa com a tradução de palavras que descrevem os chefes das tribos, suas casas e as cidades e, após isso, classifica o governo das tribos como “monárquico”<sup>36</sup>. Ele prossegue com traduções de palavras ligadas às relações entre os nativos, seus deveres e sua organização. E ao traduzir palavras referentes a mentira e roubo, Williams comenta:

Nunca pude discernir entre eles excesso de pecados escandalosos, com os quais a Europa abunda. Embriaguez e gula, geralmente não sabem o que seja; E embora eles não tenham tanto para restringi-los (no que diz respeito ao conhecimento de Deus e das Leis dos homens) como os ingleses têm, um homem nunca saberá de tais crimes entre eles, como roubos assassinatos, adultérios etc., como há entre os ingleses<sup>37</sup>.

Ao contrário de Jean de Lery, Williams reconhece uma forma de governo “para a preservação de si mesmos, suas famílias e propriedades”<sup>38</sup>, capaz de restringir males como assassinatos, roubos e furtos. Em todas as observações de Williams sobre esse tema, consta uma reflexão sobre a diferença positiva da comunidade nativa, comparada à europeia. Ele conclui em uma observação “mais particular”:

Não usamos roupas, temos muitos Deuses,  
E ainda assim nossos pecados são menores:  
Vocês são bárbaros, pagãos selvagens,  
Sua terra é selvagem.  
Adultérios, homicídios, roubos, furtos,  
Os índios selvagens os punem!  
Mantendo, assim, o equilíbrio da justiça,  
E nenhum homem diminui seu valor.  
Quando os índios ouvem das horríveis imundícies,  
De homens irlandeses e ingleses,

---

<sup>36</sup> WILLIAMS, 1963c, p. 163.

<sup>37</sup> WILLIAMS, 1963c, p. 165.

<sup>38</sup> WILLIAMS, 1963c, p. 167.

Os juramentos horrendos e recentes assassinatos,  
Assim dizem esses índios então<sup>39-40</sup>.

Novamente neste trecho, Williams contrapõe hábitos dos nativos aos europeus, usando os termos “bárbaro” e “selvagem” para questionar a civilidade europeia e mais especificamente a anglo-saxã.

A oposição entre civilização e barbárie perpassa os textos do período colonial, assim como a discussão sobre a natureza dos povos americanos. Léry, afirma que “além da invenção da escrita, os conhecimentos de ciência que aprendemos pelos livros e que eles ignoram, devem ser tidos como dons singulares que Deus nos concedeu”<sup>41</sup>. Vê-se que para o jovem calvinista francês, a escrita, a ciência e os “dons singulares” concedidos por Deus, eram signos da civilização europeia que podiam atestar a barbárie indígena. Portanto, mesmo considerando-os em muitos momentos como portadores de qualidades superiores ou faltantes entre os europeus, sempre destaca o caráter superior da civilização europeia.

Embora seja possível encontrar em Roger Williams os mesmos pressupostos eurocêntricos, a questão da barbárie dos nativos americanos parece ter outra conformação, como já apresentado acima. Ao afirmá-los como portadores de “rápidas apreensões e juízos precisos”, não sendo “inferiores aos europeus”, ele reconhece sua capacidade volitiva e cognitiva de querer e de conhecer, contrariando a elaboração básica da inferioridade dos bárbaros e dos pagãos e de sua suposta incapacidade para descobrir e comportar-se conforme as normas e princípios da Lei Natural, inclusive no plano moral.

## 5. As relações econômicas

Jean de Léry, destaca ao longo de sua narrativa o desprendimento dos nativos, quanto ao acúmulo de bens e propriedades. Segundo ele, “quanto a heranças e pleitos divisórios deixam aos herdeiros avarentos

<sup>39</sup> WILLIAMS, 1963c, p. 167.

<sup>40</sup> Alguns trechos do livro são de difícil tradução, sendo necessário algumas adaptações no sentido.

<sup>41</sup> LERY, 1980, p. 206.

e demandistas cá da Europa tais cuidados”. Neste mesmo trecho, Léry também afirma que poucos eram os utensílios e bens que os nativos possuíam<sup>42</sup>. Em outro momento, ele destaca o desconhecimento de pagamento em moeda e que, por isso, ao tomarem víveres dos nativos para abastecer sua embarcação, pagaram-lhes “com camisas, facas, anzóis, espelhos e outras mercadorias usadas no comércio com os índios”<sup>43</sup>.

Williams dedica três capítulos de *A Key* para tratar de assuntos relativos à economia. No capítulo XXIV, ele traduz e explica termos referentes à moeda dos nativos, iniciando com a explicação de que os nativos ignoravam a moeda europeia e chamaram-na de *Monêash* ou “Dinheiro Inglês”<sup>44</sup>. Mas, segundo ele, os nativos possuíam o *Wampun*<sup>45</sup>, um colar de conchas usado como adereço, que também servia como moeda. Williams observa: “Eles penduram essas cordas de dinheiro sobre seus pescoços e pulsos; como também sobre os pescoços e pulsos de suas esposas e filhos”<sup>46</sup>. As primeiras palavras traduzidas no capítulo, procuram estipular o valor dessa moeda nativa, mediante conversão para a moeda inglesa, como vemos no exemplo:

Nquittómpscat.	1 peny.
Neesaúmscat.	2 pence.
Shwaúmscat.	3 pence.
Yowómscat.	4 pence.
Napannetashaúmscat.	5 pence.
Quttatashaúmscat, ou, quttauatu.	6 pence.
Enadatashaúmscat.	7 pence.
Shwoasuck tashaúms cat.	8 pence.
Paskugittashaúmscat.	9 pence.
Piuckquaúmscat.	10 pence.
Piuckquaúmscat nab naqùit.	11 pence.
Piuckquaúmscat nab nèes.	12 pence <sup>47</sup> .

<sup>42</sup> LERY, 1980, p. 230.

<sup>43</sup> LERY, 1980, p. 79.

<sup>44</sup> WILLIAMS, 1963c, p. 173.

<sup>45</sup> O *Wampun* possuía duas variações – branco e negro (In: On Line Etymology Dictionary. Disponível em: <http://www.etymonline.com/index.php?term=Wampun>).

<sup>46</sup> WILLIAMS, 1963c, p. 177.

<sup>47</sup> WILLIAMS, 1963c, p. 173-174.

Este câmbio, parece ter sido usado de maneira abusiva pelos ingleses, pois Williams afirma que ao adquirirem mercadorias inglesas, os nativos pagavam muito mais do seu dinheiro, sem entenderem a causa disso<sup>48</sup>.

No capítulo XXV, que trata sobre compra e venda, Williams traduz termos aplicados ao comércio que os nativos praticavam entre si, como a troca de “milho, peles, casacos, carne de veado, peixe, etc.”, além de também realizarem comércio com os ingleses. Ele destaca que as tribos que viviam perto do mar armazenavam conchas durante o verão “parra fazer dinheiro”<sup>49</sup>. Nesse capítulo, Williams novamente destaca a sagacidade dos ingleses nas negociações com os nativos.

No capítulo XXVI, Williams trata da questão da dívida e inicia com a tradução de 3 termos:

Noónat.	Eu não tenho dinheiro suficiente
Noonamautuck quàwhe.	Confie em mim.
Quaush de Kunnoonama.	Eu lhe devo isso.

E, então, considera que eles estavam sempre desejosos de entrar em dívidas, e quem quisesse confiar neles, deveria estar pronto para perdas, a menos que os seguisse até suas casas, como ele próprio já havia feito.

## 6. A religião

Para Léry, não havia no mundo nenhum ser humano mais afastado das ideias religiosas que os Tupinambás<sup>50</sup>. É certo que tal constatação parte da concepção europeia do que seria a religião. Ele relata ter tentado explicar-lhes o “Deus soberano”, coisa que não lhes fazia sentido. Léry explica que “quando ribombava o trovão e nos valíamos de tal oportunidade para afirmar-lhes que era Deus quem assim fazia tremer o céu e a terra a fim de mostrar sua grandeza e seu poder, logo respondiam que se

<sup>48</sup> WILLIAMS, 1963c, p. 175.

<sup>49</sup> WILLIAMS, 1963c, p. 179.

<sup>50</sup> LÉRY, 1980, p. 207.

precisava intimidar-nos não valia nada”. Para o jovem huguenote, este era “o estado deplorável em que vive esta mísera gente”<sup>51</sup>.

Ao deparar-se com a visão de mundo dos nativos, Léry se vê com dificuldade de aplicar a teoria de Cícero de igualdade humana baseada no uso da razão, da percepção da divindade e de uma associação organizada, aos nativos, pois, segundo ele:

Embora seja aceita universalmente a sentença de Cícero, de que não há povo, por mais bruto, bárbaro ou selvagem que não tenha ideia da existência de Deus, quando considero os nossos Tupinambás vejo-me algo embaraçado em lhe dar razão. Pois além de não ter conhecimento algum do verdadeiro Deus, não adoram quaisquer divindades terrestres ou celestes, como os antigos pagãos, nem como os idólatras de hoje, tais os índios do Peru, que, a 500 léguas do Brasil, veneram o sol e a lua”<sup>52</sup>.

Na sequência, a descrição da religiosidade Tupinambá se dá através de aproximações com o cristianismo. Léry exalta aspectos convergentes, como sua crença na imortalidade da alma após a morte, nos espíritos malignos e na ressurreição dos mortos e identifica o espírito mau *Ainhã*n com o diabo, prometendo aos nativos que o Deus cristão o impediria de atormentá-los se cressem nele. Assim, segundo Léry, os nativos “sentindo-se amedrontados, prometiam crer em Deus. Mas passado o perigo zombavam do santo, como se diz no provérbio, e não se recordavam mais de suas promessas”<sup>53</sup>. Esta era uma inconstância que o frustrava.

Depois de negar a existência de uma religião entre os nativos, Léry passa a afirmar a existência de uma “semente de religião” entre eles, que “brota e não se extingue neles, não obstante as trevas em que vivem”<sup>54</sup>. Neste segundo momento de sua descrição, ele considera que embora não confessem francamente, os nativos “estão na verdade convencidos da existência de alguma divindade” e também “admitem certos profetas chamados *caraibas*”. Estes são identificados por Léry como “embusteiros”

<sup>51</sup> LÉRY, 1980, p. 206-207.

<sup>52</sup> LÉRY, 1980, p. 205.

<sup>53</sup> LÉRY, 1980, p. 207.

<sup>54</sup> LÉRY, 1980, p. 209.

que “não só os iludem [...] mas ainda os enganavam gabando-se de fazer crescer frutos e raízes”<sup>55</sup>.

Roger Williams descreve a religiosidade dos Narragansett no capítulo XXI – Da Religião, da alma etc., e segue um caminho diferente de Jean de Léry. Ele começa com a tradução dos termos *Manit*<sup>56</sup> = Deus e *Manittówock* = Deuses. Esta primeira apreensão demonstra sua percepção de que os nativos possuíam uma crença em divindades. Logo abaixo ele faz a seguinte observação:

Aquele que questiona se Deus fez o Mundo, os índios o ensinarão. Reconheço que obtive em minhas conversas com eles muitas confirmações a respeito de Heb. 11.6: 1 – Que Deus é. 2 – Que ele é galardoador de todos os que diligentemente o buscam. Em geral, eles confessarão que Deus fez tudo: mas depois, em especial, embora não neguem que o Deus dos *ingleses* fez homens *ingleses*, e o que há nos Céus e a Terra. Contudo, seus deuses fizeram o seu céu e a terra onde residem”<sup>57</sup>.

Na sequência, ele passa a traduzir e descrever termos que revelam a relação dos nativos com seus deuses. Assim como Léry, Williams também compara certos aspectos da religiosidade dos nativos com o cristianismo europeu. Ele também identifica seus vários deuses com os santos católicos: “Assim como os papistas têm seus santos protetores como São Jorge, São Patrício, São Denis, Virgem Maria etc.”<sup>58</sup>.

A certa altura do capítulo, Williams demonstra sua expectativa de que seu livro pudesse oferecer “oportunidade de algum discurso para estes irmãos e irmãs selvagens, de poder proclamar uma palavra do seu e nosso Criador glorioso”<sup>59</sup>. Williams também destaca a atenção que os nativos tinham para aprenderem com os ingleses a respeito de seus

<sup>55</sup> LERY, 1980, p. 217.

<sup>56</sup> Para as tribos Algonquian que habitavam a região leste do rio Mississípi, *Manit*, *Manitu* ou *Manitou*, era a força espiritual que criou o universo e que era responsável por todos os acontecimentos trágicos e felizes que lhes ocorriam no decorrer de sua existência (SOLA, José A. *Os índios norte-americanos: Cinco séculos de luta e opressão*. São Paulo : Ed. Moderna, 1950, p. 16).

<sup>57</sup> WILLIAMS, 1963c, p. 147.

<sup>58</sup> WILLIAMS, 1963c, p. 149.

<sup>59</sup> WILLIAMS, 1963c, p. 155.

costumes e sua religião. Ele relata que os ouviu dizer a um inglês que quebrou uma promessa para com eles: “Você conhece a Deus, e ainda assim mentirá, Inglês?”<sup>60</sup>.

### Considerações finais

A comparação das experiências destes dois personagens entre os nativos americanos, realizada a partir de seus textos, permite-nos perceber nas diferentes circunstâncias e contextos que ambos vivenciaram, o impacto que tiveram frente ao mundo do índio. Léry e Williams conviveram com os nativos, embora Williams tenha passado mais da metade de sua vida entre eles, na colônia de Rhode Island. Talvez, por isso, muitos detalhes e aspectos da cultura nativa sejam apresentados mais especificamente por ele.

Devemos também considerar que os relatos dos viajantes do século XVI, como o de Léry, tornaram-se importantes no século posterior, sendo condensadas e traduzidas, como no caso de Samuel Purchas (1577-1626), um clérigo Inglês que publicou vários volumes de relatórios de viajantes de países estrangeiros, na Inglaterra. A versão inglesa de *Viagem à Terra do Brasil*, traduzida por Janet Whatley (1992), traz em suas notas sobre as edições e recepção do texto de Léry, a informação de que uma ampla seleção do texto foi traduzida do latim para o inglês na obra *Hakluytus posthumus, or Purchas his pilgrimes* de Purchas, tendo influência no círculo protestante inglês do século XVII. Outro texto que também foi compilado nesta obra de Purchas foi a *Brevíssima relação sobre a destruição das Índias*, de Bartolomeu de Las Casas, uma clássica narrativa da violência dos colonizadores contra os nativos da América Central e Caribe, que se tornou um dos mais importantes textos para a difusão da Lenda Negra Espanhola<sup>61</sup>. Portanto, é possível considerar a possibilidade de Williams

---

<sup>60</sup> WILLIAMS, 1963c, p. 158.

<sup>61</sup> Termo da historiografia hispânica que indica a criação de uma imagem desfavorável da Espanha e dos espanhóis, acusados de crueldade e intolerância, anteriormente predominante nas obras de muitos historiadores não-espanhóis, principalmente protestantes. O termo foi popularizado pelo historiador espanhol Julián Juderías em seu livro *La Leyenda Negra*, de 1914. A Lenda Negra permaneceu particularmente forte

ter tido acesso a estes textos clássicos e importantes, fato que poderia ter causado influência em sua narrativa apresentada em *A Key*. Tal possibilidade fica a título de hipótese para posteriores pesquisas.

Constata-se nas obras estudadas, que a despeito do distanciamento temporal e cultural, mantem-se em ambos os autores o conflito na construção da identidade do nativo, bem como as suspeitas sobre que apresentaram sobre sua própria cultura. Nisso, nota-se a constante crítica à civilização europeia e o louvor a vários aspectos da cultura ameríndia, que, conforme explica Certeau, constitui o método de interpretação da realidade fronteiriça que eles experimentaram. Diferentemente de Léry, as críticas de Williams continuaram em outras obras que ele escreveu durante o resto de sua vida na América. Nelas, o nativo aparece diversas vezes como argumento de contestação de posições ortodoxas e excluídas provenientes de seus opositores, sobretudo de teólogos puritanos da Nova Inglaterra, como John Cotton.

A experiência vivida entre os nativos constituiu-se numa fronteira hermenêutica, nascida da estranheza frente ao modo de vida dos nativos e o reconhecimento de sua cultura como portadora de uma especificidade que necessitava ser respeitada. A análise destas narrativas históricas realizadas a partir da realidade das vítimas do sistema colonial podem representar um trabalho fundamental para a compreensão da formação do pensamento crítico no interior do moderno sistema colonial e do cristianismo, tendo como ponto de convergência o clamor das vítimas, frente a hegemonias que escondem seus lugares hermenêuticos.

### Referências

- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- DAVIS, Jack L. Roger Williams among the Narragansett. *The New England Quarterly*, Vol. 43, No. 4, 1970, pp. 593-604. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/363134>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

---

nos Estados Unidos ao longo do século XIX e se manteve viva pela Guerra Mexicana de 1846 (Disponível em: <<http://global.britannica.com/topic/Black-Legend>>).

- DUSSEL, Enrique. *1492: O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Conferências de Frankfurt. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- LAS CASAS, Bartolomeu. Brevíssima relação sobre a destruição das Índias. In: *Liberdade e justiça para os povos da América*. Oito tratados impressos em Sevilha em 1552. Obras Completas II. São Paulo, SP : Paulus, 2010.
- LERY, Jean. *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Ed. Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- \_\_\_\_\_. *History of a voyage to the land of Brazil, otherwise called America*. Translated by Jant Whatley. Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1992. Disponível em: <<https://books.google.com.br/>>. Acesso em: 18 Fev. 2017.
- MILLIET, Sérgio. Jean de Lery. In: LERY, Jean. *Viagem à terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1961.
- PURCHAS, Samuel. *Hakluytus posthumus, or Purchas his pilgrimes: contayning a history of the world in sea voyages and lande travells by Englishmen and others*. Reprint of the 1625 ed, Volume 18, Published 1905. Disponível em: <<https://archive.org/>>.
- SOLA, José A. *Os índios norte-americanos: Cinco séculos de luta e opressão*. São Paulo : Ed. Moderna, 1950.
- STEIGLEDER, Carlos G. *Staden, Trevet e Léry: olhares europeus sobre o índio e sua religiosidade*. São Luiz/MA : EDUFMA, 2010.
- WILLIAMS, Roger. The Bloody Tenent of Persecution for Cause of Concience. In: *The Complete Writings of Roger Williams* (Vol. 3). New York, EUA : Russell & Russell, Inc., 1963.
- \_\_\_\_\_. The Letters of Roger Williams. In: *The Complete Writings of Roger Williams* (Vol. 6). New York, EUA: Russell & Russell, Inc., 1963b.
- \_\_\_\_\_. A Key into the Language of America. In: *The Complete Writing of Roger Williams* (Vol. 1). New York, EUA : Russell & Russell, Inc., 1963c.

Submetido em: 23/07/2018

Aceito em: 26/11/2020